

A OLIVEIRA, A FIGUEIRA, A VIDEIRA E O ESPINHEIRO (Jz 9,8-15)

Euclides M. Balancin

Há perguntas que sempre foram, são e serão feitas a respeito do poder. Algumas respostas o pretendem justificar como um bem a ser preservado em sua justa dimensão ou como um mal necessário, inevitável; outras, mais incômodas, interrogam se o poder não é algo perverso por natureza a ser eliminado do meio dos homens.

E a Bíblia o que diz sobre o poder? Essa é uma questão pertinente, pois toda a história do povo de Deus está permeada de reis e até a monarquia dinástica passou a ser objeto de uma promessa divina (2Sm 7).

Coube a mim apresentar e analisar uma simples fábula que fala sobre o poder: o assim chamado “apólogo de Joatã”, que vamos encontrar no livro dos Juizes, capítulo 9, versículos 8 a 15.

A primeira coisa que nos chama a atenção é a presença de fábulas na Bíblia. Segundo 1Rs 5,13, Salomão as colecionava e as contava. Pois é, elas aí estão: o espinheiro e o cedro (2Rs 14,9); a águia, o cedro e a videira (Ez 17,3-10); e, é claro, a que tentaremos analisar neste artigo.

Vamos proceder por partes: em primeiro lugar, veremos o gênero narrativo da fábula, cujo aspecto característico é que suas personagens não são seres humanos, mas animais e, também em nosso caso, plantas. A nossa fábula nasceu onde, quem a inventou e para que finalidade?

Num segundo momento, procuraremos mostrar um outro contexto onde ela foi contada, posta por escrito entre os livros sagrados, isto é, o significado da fábula dentro da história do povo de Deus. Ela se relaciona com a história de Gedeão, de Abimelec e de Joatã (Jz 6,11–9,57).

Ganha novas dimensões dentro da obra maior em que está inserida (obra histórica deuteronômista: Dt + Js–2Rs), dentro do profetismo, onde as noções de realeza e monarquia são de grande interesse, com seus prós e contras. E, por que não, como ver essa fábula relacionada com a vida, ação e palavra de Jesus: o óleo da unção que traz o perdão (Lc 7,36-50); a figueira que não quer servir (Mc 11,12-14); o vinho que não só alegra o coração dos homens, mas estabelece um novo tipo de reino (Jo 2,1-11); a verdadeira relação (Mc 10,42-45).

Por fim, procuraremos lançar algumas luzes sobre a noção de poder a partir dessa fábula e perguntar se hoje ainda ela diz algo para nós.

1. A fábula na boca do povo

Muitos de nós, nos tempos de escola, chegamos a ler ou ouvimos alguém contar algumas das famosas fábulas de Esopo ou de La Fontaine. A maioria delas tem sempre

uma finalidade moralista e pretende nos ensinar alguma coisa. Quem não se lembra da raposa e das uvas verdes? A moral era a seguinte, segundo uma professora que eu tinha: as pessoas sempre desprezam as coisas que não podem alcançar. E cantava toda uma ladainha sobre a inveja, a incapacidade etc. etc.

Todavia, as fábulas inventadas e contadas pelo povo são ainda mais surpreendentes, e nos fazem rir da nossa miséria e pensar no nosso modo de vida. Refletem uma sabedoria crítica, irônica e cortante, na simplicidade do tempo em que as plantas e os bichos falavam.

E as plantas também falam em nome do povo dentro da Bíblia, e mais do que nunca mostram que “a voz do povo é a voz de Deus”.

Vamos ouvir um diálogo delas, que os nossos antepassados na fé guardaram na memória e foram transmitindo oralmente até que alguém colocou por escrito:

Certo dia, as árvores se puseram a caminho para ungir um rei que reinasse sobre elas.

Disseram à oliveira: “Reine sobre nós”.

A oliveira respondeu: “Vocês acham que vou deixar o meu azeite, que honra deuses e homens, para ficar balançando sobre as árvores?”

Então as árvores disseram à figueira: “Venha, você, e reine sobre nós”.

A figueira respondeu: “Vocês acham que vou deixar o meu doce fruto saboroso, para ficar balançando sobre as árvores?”

Então as árvores disseram à videira: “Venha, você, e reine sobre nós”.

A videira respondeu: “Vocês acham que vou deixar o meu vinho novo, que alegra deuses e homens, para ficar balançando sobre as árvores?”

Então todas as árvores disseram ao espinheiro: “Venha, você, e reine sobre nós”.

Então o espinheiro respondeu às árvores: “Se vocês querem mesmo me ungir para reinar sobre vocês, venham e se abriguem debaixo da minha sombra. Se não, sairá fogo do espinheiro e devorará os cedros do Líbano”.

A – Breve análise textual

A fábula é diferente da parábola. De fato, enquanto esta não admite que fiquemos presos aos detalhes, mas requer que percebamos o ponto nevrálgico da proposta contida, aquela até pede para que nos detenhamos nos pormenores, que nos deliciemos com eles. Portanto, consideramos lícito aqui buscar significados inclusive nos detalhes.

Logo à primeira leitura, podemos notar a abundância dos termos relacionados com o poder: ungir um rei, reinar (5 vezes), ungir para reinar. Não há dúvida alguma, então, que o povo ao contar esta fábula queria nos transmitir alguma coisa sobre os reis que possuíam ou que conheciam nos países ao redor. Notem também que as árvores prometem ser submissas: “Reine *sobre nós*”. Esse “sobre” indica que os súditos admitem que o rei lhes é superior, está acima.

As respostas negativas da oliveira, da figueira e da videira também denotam a mesma coisa, só que através de outra expressão: “agitar-se sobre”, “ficar balançando so-

bre”, atitude que essas árvores frutíferas não aceitam. Indica uma superioridade, mas agora somada a outra conotação: esse balançar provoca medo, pavor, pois se trata de uma oscilação perigosa. Tal árvore está sempre mostrando que pode desabar a qualquer momento sobre as outras. O poder requer superioridade, estar acima e provoca medo.

Outro verbo que aparece várias vezes: “venha” (3 vezes), “venham”, na tradução da BP¹. No original hebraico podemos observar que um mesmo verbo expressa o “pôr-se a caminho” do v. 4 e o “vir” dos v. 10, 12 e 14. Enquanto tal verbo indica nesses versículos um encontro e um desejo, no v. 16 (“venham” – é outro verbo no original hebraico) se trata de uma ordem, quase militar, de se apresentar, se incorporar. O espinheiro exige.

Agora, notemos que são apresentados dois tipos de árvores: as produtivas (a oliveira – azeite; a figueira – fruto doce; a videira – vinho novo) e a improdutiva (espinheiro). Aquelas que produzem são felizes naquilo que fazem: servir, honrar e alegrar os outros e, por isso, não almejam o poder; o espinheiro inútil e até prejudicial é o único a aceitar a oferta de reinar e, além do mais, apresenta condições: “Se abriguem debaixo de minha sombra”. E ameaça: “Senão, sairá fogo do espinheiro e devorará os cedros do Líbano”.

Essa parte do v. que fala sobre a ameaça é provavelmente um acréscimo posterior. De fato, o espinheiro, que vinha falando em primeira pessoa, passa a falar de si como se fosse um terceiro. Voltaremos a isso mais adiante.

Ainda podemos notar um outro detalhe no texto: nos v. 8, 10 e 12 se diz simplesmente que *as* árvores foram pedir, mas no v. 14 são *todas* as árvores que se dirigem ao espinheiro. Faz supor que a oliveira, a figueira e a videira também foram. O adjetivo “todas” foi acrescentado posteriormente ou quebra propositadamente o ritmo? Há um outro detalhe: a preposição usada para falar com o espinheiro (*ao* – heb.: *’el*) é diferente daquela usada para se dirigir às outras árvores (*le*). Isso é mais um indício de que outra mão elaborou essa frase? Talvez tais observações não nos levem a nada. Em todo caso, podemos nos perguntar: acrescentando o adjetivo “todas”, o texto não pretende veicular a idéia de que o poder, apesar de tudo, é um mal necessário, ao qual todos, inclusive os que produzem e servem, acabam se submetendo, querendo ou não?

B – Primeiras reflexões

Num primeiro momento, provavelmente a fábula representa uma posição antiga do povo diante dos poderes políticos, principalmente contra as monarquias existentes. Os que produzem alguma coisa na e para a sociedade não têm tempo, nem se dispõem a ser reis; somente os inúteis na sociedade aceitam tal encargo. O povo critica e ironiza o próprio poder monárquico e ao mesmo tempo aqueles que buscam ter rei para governá-los. Vão encontrar o “espinheiro” como única opção, este que nem mesmo sombra é capaz de fazer.

1. Para a tradução dos textos bíblicos seguimos a *Bíblia Sagrada, Edição Pastoral*. São Paulo: Paulus, 1999, 31ª ed.

Interessante aqui notar que em períodos pré-monárquicos, segundo mostram as atuais pesquisas arqueológicas, no primitivo Israel provavelmente não havia instâncias formais de poder².

2. A fábula na história do povo de Deus

Na história do povo de Deus, o poder monárquico é ambíguo: para uns uma escolha desastrada e não querida por Deus; para outros uma necessidade e dom de Deus (comparar, por exemplo, 1Sm 8,1-22; 10,17-27 com 1Sm 9,1-10,16). A crítica radical ao poder é diluída com a opção assumida de “ter um rei, para que ele nos governe, como acontece em todas as nações” (1Sm 8,5). Então o que temos são reis bons, no tempo dos quais cada um vive tranqüilo debaixo da sua vinha e da sua figueira (1Rs 5,5), e ruins, que praticam o que Javé reprova (2Rs 21,16). Essa ambigüidade percorre grande parte da Bíblia, desafiando escribas, sacerdotes, reis e profetas. Numa primeira instância, a nossa fábula aí está apoiando a primeira versão com a sua crítica radical ao poder e, em particular, ao poder monárquico. Contudo, já notamos algumas variações no texto que contextualizam um pouco essa crítica radical e talvez queiram já mostrar a monarquia como algo inevitável.

A fábula irônica e mordaz contra o poder estava solta no espaço e no tempo, mas com a sua inserção dentro de um contexto e sua aplicação em casos concretos ganha densidade histórica e, na sua concretização, ela é ideologizada ou se torna “provocação” ainda mais incisiva.

A – A fábula na “história” de Gedeão

Colocada na boca de Joatão (Jz 9,7), a fábula já se insere num contexto de luta pelo poder entre grupos tribais, fazendo parte da narrativa sobre o líder carismático Gedeão e seus filhos (Jz 6,11-9,57). Joatão é filho de Gedeão, juntamente com Abimelec e uma leva enorme de outros irmãos (Jz 8,30). Abimelec propõe aos habitantes de Siquém centralizar o poder em suas mãos. Para atingir seu objetivo entram os fatores corriqueiros para se alcançar o poder a qualquer custo: dinheiro para corromper e violência para matar. Unidos, esses dois elementos vão constituir a base para se conseguir o poder: “... e proclamaram Abimelec como rei” (Jz 9,6).

Anteriormente, em 8,22-23, o redator bíblico apresenta uma visão teológica que contrasta com a posição de Abimelec. Segundo o texto, Gedeão rejeita não somente a monarquia, mas também a monarquia dinástica: “Seja nosso rei, você e depois seu filho e seu neto...”, pedem os israelitas (8,22). Este retruca: “Nem eu, nem meu filho seremos reis de vocês. O rei de vocês será Javé”. Abimelec, ao contrário, vai buscar apoio nos “senhores de Siquém” para ser rei (9,2-3). Dentro desse contexto, a interpretação das “árvores” agora é diferente: são esses “senhores” de Siquém e de Bet-Melo que proclamam Abimelec como rei (9,6). Se com Gedeão o poder pertence unicamente a Deus, com Abimelec há um conluio, uma confabulação humana para conquistar o poder (9,6). O discurso é evidentemente ideológico, procurando convencer que o poder centralizado é melhor do que o poder participado (9,2).

2. FINKELSTEIN, I. & SILBERMAN, N.A. *Le tracce di Mosè. La Bibbia tra storia e mito*. Roma: Carocci, p. 121ss.

Em 9,16-21, apesar do texto ser um pouco confuso, tenta-se fazer uma análise da situação em que Abimelec já foi proclamado rei pelos senhores de Siquém. O v. 16 parece continuar no v. 19, onde fala-se de “sinceridade e lealdade”, apelando para a boa-fé. A intercalação dos v. 17-18 deixa claro que o texto é irônico e até sarcástico: não há dúvida nenhuma que não houve “sinceridade e lealdade”, nenhuma boa-fé. Sendo assim, a sentença final do v. 15 que, dentro da fábula, era difícil de entender, ganha sentido. Os “cedros do Líbano” é uma imagem para indicar esses “senhores”, fazendo perfeita ligação com o v. 20: “... que saia fogo de Abimelec e devore os senhores de Siquém e de Bet-Melo, e que saia fogo dos senhores de Siquém e de Bet-Melo, e devore Abimelec”. Tanto o rei Abimelec quanto os senhores que o aceitam como rei agora são espinheiros, um devorando os outros e vice-versa: poderes que se devoram.

O redator da “história” salienta o contraste, provavelmente de uma situação histórica pré-estatal e dentro de uma visão teológica: Enquanto Gedeão nega-se a ser rei, atribuindo tal poder unicamente a Javé, Abimelec se apóia nos “senhores de Siquém” para conseguir o poder. Estes, “em razão do seu poder decisório, estavam em condições de encaminhar atividades dessa espécie de forma especialmente eficiente e com todas as garantias. Com isso abria-se um abismo entre representantes e representados, porque seus interesses divergiam. Esse processo foi ainda fomentado pela consolidação das cidades como coletividades independentes com governo próprio, formado justamente pelos representantes da comunidade, pelos anciãos e líderes. Com isso se associava não apenas a transformação da instituição dos anciãos, que tinha sua origem na ordem jurídica dos clãs, em uma autoridade local, mas também sua emancipação em um grêmio de natureza especial, que paulatinamente começou a perder de vista o princípio de representação da coletividade e a perseguir interesses próprios. Assim estava dado o primeiro passo que levou os originais representantes do tempo pré-estatal a se enquadrarem na camada dos notáveis da época monárquica, camada essa que se encontrava em formação”³.

Provavelmente a extensa introdução histórica à fábula (9,1-6) tem fundo histórico que provém de uma época em que “Israel e Canaã viviam em boa vizinhança” e reflete uma situação em que a região era fatiada em pequenos “reinos” de certa maneira independentes e confrontantes um com o outro e submissos ainda ao domínio egípcio, no século XII. Aqui se trata da supremacia da cidade de Siquém. De fato “podemos pressupor um amplo contato pacífico entre os israelitas e os cananeus, especialmente em santuários comuns, e uma forte penetração de elementos cananeus nos clãs israelitas” nesses tempos. O nome duplo de Gedeão-Jerobaal, o dinheiro provindo do templo de Baal-Berit e as expressões “honra aos deuses como aos homens” e “alegra aos deuses e aos homens” talvez sejam provas disso.

B – A fábula dentro da história deuteronomista

No século VII aC, na época de Josias (640-609 aC), rei de Judá, uma grande reconstrução nacional estava sendo levada à frente. A base dessa reforma visava uma monarquia unida, centralizada em Jerusalém, açambarcando também o norte, que se tornara, desde 722 aC, colônia assíria. Como agora a potência assíria estava preocupada em

3. THIEL, W. *A sociedade de Israel na época pré-estatal*. São Leopoldo/São Paulo: Sinodal/Paulinas, 1993, p. 100.

manter suas fronteiras no leste, houve em toda a região uma certa tranqüilidade, possibilitando assim a reforma, que já fora iniciada anteriormente por Ezequias (716-687 aC). Contudo, o antigo reino de Israel, florescente antes da queda de Samaria, é visto como um desvio. Contando uma “história” acontecida no passado, ao falar de Siquém, uma das principais cidades da região norte em outros tempos e que competia com Jerusalém⁴, o texto atual serve de propaganda para o restabelecimento de um reinado a partir de Jerusalém, pois o do norte impregnara-se de idolatria e de “senhores” em luta pelo poder. Assim, o texto ganhou o seguinte viés ideológico: embora sendo uma invectiva contra o poder, restringe-se ao poder do norte, a fim de angariar simpatia para centralizar todo o poder político em Jerusalém e o religioso no Templo dessa mesma cidade.

A nossa fábula, que possuía caráter subversivo, é ideologizada e vai ganhando uma ótica polêmica e superversiva⁵. Os reis não são inúteis ou maus, existem alguns reis maus, principalmente os do antigo Reino do Norte! A noção de poder adquire matizes favoráveis, pois se trata de unir um povo disperso. Cada um fazendo o que lhe agrada.

C – A fábula inspirando profetas

Nada comprova que tal fábula fosse conhecida pelos profetas. Contudo, o “espírito” dela aparece com clareza em certas passagens, principalmente em suas críticas aos grandes impérios da época em que vivem.

Vejamos apenas uma passagem: “Ai de vocês, filhos rebeldes! – oráculo de Javé. Vocês fazem planos que não nascem de mim, fazem acordos sem a minha inspiração, de maneira que amontoam erros e mais erros. Descem a caminho do Egito sem perguntar a minha opinião; pedem a proteção do faraó e *querem se abrigar à sombra* do Egito. No entanto, a proteção do faraó será para vocês um fracasso, e *abrigar-se à sombra* do Egito será uma decepção. [...] todos serão enganados por um povo inútil, do qual não vem ajuda nem proveito, mas só fracasso e decepção” (Is 30,1-5).

Tal oráculo foi proferido por Isaías durante o reinado de Ezequias. Este havia enviado uma embaixada ao Egito para pedir apoio contra a Assíria. O que o profeta pensa desse pedido de auxílio está bem claro no texto. Aqui somente fazemos algumas “ligações” com a fábula. O profeta usa a expressão “*abrigar-se à sombra* do Egito”, que é a mesma (inclusive o verbo) empregada em Jz 9,15 para indicar a “acolhida” oferecida pelo espinheiro às árvores: “*abriguem-se debaixo da minha sombra*”. E não há dúvida que a inutilidade do Egito nos traz à lembrança a inutilidade do espinheiro para oferecer sombra e abrigar alguém. A fábula parece agora inspirar uma crítica contextualizada ao poder de uma grande potência, no caso, o Egito.

D – Mais algumas reflexões

Segundo M. Buber, a fábula de Joatã é o mais violento texto antimonárquico da literatura universal⁶.

4. FINKELSTEIN, I. & SILBERMAN, N.A. *Op. cit.*, p. 167-169.

5. STORNILOLO, I. *Como ler o livro do Deuteronômio*. São Paulo: Paulus, p. 31.

6. Cf. VON RAD, G. *Théologie de l'Ancien Testament*. Genève: Labor et Fides, vol. I, p. 61.

Se há um ideal antigo preservado na memória do povo de Deus, onde o poder é para inúteis, no decorrer de sua história a realidade é outra. Um exemplo disso é o refrão do livro dos Juízes: “Naquele tempo não havia rei em Israel, e cada um fazia o que lhe parecia correto” (21,25; cf. Jz 17,6; 18,1; 19,1). A ele podemos dar duas interpretações diferentes. Uma primeira seria: antes da monarquia, não havia ordem e imperava a desorganização, a anarquia: “O comentário se deve ao redator [...] e procura explicar quantas coisas estranhas aconteciam antes da monarquia”. A outra iria em sentido justamente contrário: era um tempo em que havia liberdade, sem intromissão de forças opressoras internas (cf. “o direito do rei” em 1Sm 8,11-17), cada um em sua tribo, clã e território (Jz 21,24). Essa ambigüidade vai persistir dentro da dialética deuteronomista (Gun, *Guia Lit.*, p. 126ss).

Contudo, as sofisticadas elaborações que justificam instituições que exercem poder, sejam elas políticas, econômicas, sociais e religiosas (dinastia davídica, centralização do culto em Jerusalém, no caso), estão sob a perene e crítica vigilância de uma simples historieta do tempo em que as árvores falavam. A fábula da figueira, da oliveira, da videira e do espinheiro também faz parte da história do povo de Deus. “Qualquer que tenha sido a complexidade da religião de Israel e o rigor da autoridade religiosa, sacerdotal ou profética, *o relato popular mantém-se no começo* de tudo. Nas diferentes formas que esse relato assumiu [...], o povo aí manifesta a sua soberania. [...] Vem a ser o apoio literário da época pré-monárquica e da antigüidade desse povo”⁷.

Moral da história

A fraternidade é uma utopia e para persegui-la se requer o rompimento das instâncias de domínio, da ordem estabelecida. Requer desobediência. A fraternidade não vem pronta, modelo acabado a se seguir. É um laboratório mundial, um ato de criação, um contrapoder. Não somente a negação dos “podres poderes”, mas de qualquer tipo de poder atribuído ao homem. Se os poderes aí estão a fazer parte do relacionamento humano, é como miséria, como “sombra” do espinheiro e não como grandeza e honra.

Contra o fogo e a “sombra” do espinheiro, a doçura do figo, a unção do azeite, a alegria do vinho. “Contra a miséria do poder, a alegria do ser” (I. Bentes) e do servir: “Vocês sabem: aqueles que se dizem governadores das nações têm poder sobre elas, e os seus dirigentes têm autoridade sobre elas. Mas, entre vocês não deverá ser assim: quem de vocês quiser ser grande, deve tornar-se o servidor de vocês, e quem de vocês quiser ser primeiro, deverá tornar-se o servo de todos” (Mc 10,42-44).

Euclides Martins Balancin
Rua Leonora Bonjardim Monteiro, 147
Jardim Colombo
15950-000 Santa Adélia, SP
e-mail: balancin@pinnet.com.br

7. GIBERT, P. *A Bíblia na origem da história*. São Paulo: Paulinas, 1986, p. 364.